



# CORREIO SATURNINO

Roberto Saturnino Braga  
Presidente do ISB

Artigo nº 87/2009  
Contatos: secretaria@isb.org.br

## O IOF CONTRA A ESPECULAÇÃO

Quem diria? O Mercado escolheu agora o Brasil, um país que não era levado a sério, mas que superou a crise em que o mundo rico continua mergulhado, ganhou o “investment grade” e se tornou muito atraente para aplicações especulativas na compra de títulos públicos e de ações de suas empresas. E assim, subitamente, a partir do meio deste ano, passamos a dispor de uma abundância de dólares que nada tem a ver com o nosso comércio exterior, que valoriza o Real artificialmente, e leva a nossa Bolsa às alturas, também artificialmente. Só que acaba inviabilizando as nossas exportações, principalmente as de manufaturados, pela perda de competitividade causada pelo câmbio artificial.

A lógica do Mercado, que é a do Neoliberalismo, aponta aí uma grande vantagem que deve ser usufruída com alegria pelos brasileiros, que de repente se tornam mais ricos e podem importar muito mais coisas com menos dinheiro. E a lógica acrescenta: na medida em que importem muito, vão gastar mais dólares e, no futuro, o Mercado voltará a equilibrar tudo com uma taxa de câmbio mais verdadeira. E, ainda mais, esses dólares ajudam a acabar de vez com a inflação.

A velha Economia Política, entretanto, com outra lógica, percebe que esse novo ponto de equilíbrio se dará depois que uma grande parte de nossas empresas exportadoras tiver se arruinado e a nossa capacidade produtiva tiver perdido mais uma enorme fatia. Bem, retrucam os mercadistas, que mal há nisso, se o que importa é o bem estar do povo? Ademais, dizem, os dólares do petróleo do pré-sal poderão sustentar esse poder de compra mais alto dos brasileiros por muitos e muitos anos.

Celso Furtado não está mais entre nós mas os brasileiros atentos não esqueceram suas lúcidas análises sobre o efeito ruinoso do consumismo das elites venezuelanas na inibição da economia produtiva daquele país que importava tudo de melhor porque tinha muitos dólares e não precisava produzir nada mais além do petróleo. A mesma maldição de atraso causada pelo petróleo sobre os países do Oriente Médio que abasteceram o Mercado Rico durante todo o século passado.

Pois o nosso Governo foi sábio e instituiu um imposto sobre as operações financeiras de capitais externos em nossa Bolsa. Curiosa foi a reação da mídia neoliberal nos dias seguintes: de um lado, a condenação, vinda do FMI, pela grande oportunidade que o Brasil supostamente estava perdendo com aquela intervenção no Mercado; de outro, o escarnecimento, classificando a medida de incompetente e ilusória, eis que o Mercado, com a sua indomável inteligência, já teria encontrado os meios de contornar, ludibriar o propósito do Governo através de operações espertíssimas de compra de ativos brasileiros na bolsa de Nova Iorque. E, como prova do que diziam, o Real continuou subindo e a BOVESPA disparando durante uns três dias.

Uma semana decorrida, e a medida mostrou sua eficácia: com alguma oscilação, conteve o surto especulativo. Um ou dois meses mais de observação e a incidência de 2% poderá ser ajustada, corrigida para mais ou para menos, a fim de otimizar o resultado.

---

Instituto Solidariedade Brasil - ISB

Av. Beira Mar, nº 216 - Térreo  
Rio de Janeiro - RJ

www.isb.org.br

Tel: (21) 2285-3702  
e-mail: secretaria@isb.org.br



# CORREIO SATURNINO

Roberto Saturnino Braga  
Presidente do ISB

Artigo nº 87/2009  
Contatos: secretaria@isb.org.br

Trata-se de mais um episódio que evidencia a marcante e decisiva mudança de política econômica ocorrida a partir de 2003, caracterizada pelo desembaraço nas medidas de intervenção governamental no funcionamento do Mercado, este celebrado instrumento dos ricos, pelos ricos, para os ricos, intocável para os neoliberais.

A propósito, vale lembrar que os neoliberais condenaram, ridicularizaram, ignoraram, absurdizaram a proposta séria da chamada taxa Tobin, que seria um micro-imposto a incidir sobre as operações financeiras do mundo inteiro, com o duplo objetivo de conter a especulação desenfreada de trilhões que levou à derrocada financeira e à crise que ainda perdura, e de criar, por outro lado, um fundo de ajuda ao desenvolvimento dos países mais pobres, como os do continente africano, em estado de destruição crescente. Foi, sim, uma proposta séria, imaginada pelo economista americano James Tobin, agraciado poucos anos antes com o Prêmio Nobel. Uma proposta que foi fortemente apoiada pelos apreciadores da ética na economia, pelos desenvolvimentistas e distributivistas do mundo inteiro, e que foi encampada pelo Fórum Social Mundial. Uma proposta que poderia ter evitado a grande crise que ainda não acabou e ter dado um bom alento aos africanos que estão invadindo a Europa em desespero de qualquer perspectiva melhor em suas terras.

Os donos dos bancos, os donos do mundo a rejeitaram sorridentes. Fiz discursos de apoio no Senado, bem me lembro, e recebi os reflexos desses sorrisos superiores na face dos seus representantes no Brasil. A idéia, entretanto, é forte, e continua drapejando no ar como uma bandeira política capaz de desempenhar um papel muito importante para amortecer os confrontos entre ricos e pobres que, sem a mediação política do bom senso, sem a negociação criativa internacional que resulte em alguma concessão dos ricos, resvalará cada vez mais, como tem resvalado até agora, para a violência, os massacres, as guerras preventivas, o terrorismo crescente.

---

Instituto Solidariedade Brasil - ISB

Av. Beira Mar, nº 216 - Térreo  
Rio de Janeiro - RJ

[www.isb.org.br](http://www.isb.org.br)

Tel: (21) 2285-3702  
e-mail: [secretaria@isb.org.br](mailto:secretaria@isb.org.br)